

ECONOMIA

ALÉM DA NOTÍCIA

As chances em Williamsburg

De hoje até segunda-feira, os dirigentes máximos dos sete países mais industrializados do Ocidente estarão realizando sua nona reunião de cúpula desde 1975, desta vez em Williamsburg, nos Estados Unidos. Se, no primeiro encontro, em Rambouillet, França, o mundo estava mergulhado numa recessão, enfrentando o dramático ajustamento ao primeiro choque do petróleo, este ano a situação evidentemente é mais grave, pois além de um mundo recessivo temos uma crise no mercado financeiro internacional que só encontra precedente no crack de 1929.

Embora seja verdadeiro que os mais recentes relatórios do Fundo Monetário Internacional — FMI — e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico — OCDE — apontem para o começo de uma recuperação estável da economia, a partir dos Estados Unidos, o fato inegável é a existência de uma crise de pagamentos, com o Terceiro Mundo devendo cerca de US\$ 600 bilhões, e sem ter como pagar.

Como, desta feita, a reunião não tem agenda e, ao contrário das anteriores, não há indicações prévias do conteúdo do seu comunicado final, há uma certa expectativa em torno do que os sete grandes decidirão. Dificilmente será acolhida a proposta que o presidente francês Mitterrand promete fazer, da convocação de uma nova conferência monetária internacional, ao estilo da de Breton Woods, que em 1944 estabeleceu um rígido sistema de câmbio e criou o FMI. Mesmo na França a opinião dominante é de que, antes de pensar numa conferência monetária a nível internacional, os franceses devem reordenar sua própria economia.

É provável até que a questão venha a ser considerada, pois há certa simpatia da parte dos italianos e japoneses, porém a posição norte-americana já foi antecipada pelo secretário do Tesouro, Donald Regan, para quem “não se pode fazer uma conferência pelo simples prazer de fazê-la.” Na melhor das hipóteses poderá surgir uma recomendação no sentido de que o assunto seja examinado para uma decisão posterior.

É certo, contudo, que a crise da dívida mundial será uma das preocupações básicas em Williamsburg, ao lado das exortações em favor da liberalização do comércio mundial e da necessidade da superação das barreiras atuais, tese bem do agrado da delegação norte-americana. Mas as chances dos países em desenvolvimento, neste novo encontro de cúpula dos sete grandes, reside na possível recomendação aos bancos centrais dos países industrializados, para que continuem dando suporte aos bancos comerciais respectivos, a fim de que eles possam manter o fluxo de recursos ao Terceiro Mundo. É isso, pelo menos, o mínimo que o mundo em desenvolvimento espera dos seus parceiros mais ricos, em nome da interdependência da economia mundial.

MILANO LOPES